

“A ARTE DE ANDAR NAS RUAS DO RIO DE JANEIRO”: A ARTE QUE DIALOGA COM A SOCIEDADE MARGINALIZADA

Jacileide Sousa Farias

A verdadeira cultura literária exige que se capte, do modo mais vivo e profundo, e menos esquemático, as relações entre o indivíduo e a sociedade, bem como entre os próprios indivíduos. (Lukács;1968: 212).

A partir do conto **A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro**, de Rubem Fonseca e do texto **O perfil intelectual dos personagens artísticos**, de George Lukács, propomos um diálogo da arte com a sociedade marginalizada, que perdeu seu espaço de fala e de existência.

Ao pensarmos a arte e a sociedade marginalizada, pensamos também o perfil do escritor e a importância que a literatura tem ao abordar a realidade. Augusto percorre as ruas do centro da cidade do Rio de Janeiro para escrever o primeiro capítulo do seu livro intitulado “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”. “Acredita que ao caminhar pensa melhor, encontra soluções para os problemas; Solvitur ambulando”, e descreve tudo que vê. Apesar de sua descrição detalhista das ruas, dos ambientes, das coisas, podemos afirmar que Augusto não é apenas descritivo, ele observa, ouve e participa da vida das pessoas. Vejamos o conto:

Augusto vê um vulto tentando se esconder na rua que fica atrás do teatro, a Manoel de Carvalho, e reconhece um sujeito chamado Hermenegildo que não faz outra coisa na vida senão divulgar um manifesto ecológico contra o automóvel. Hermenegildo carrega uma lata de cola, uma broxa e dezoito manifestos enrolados num canudo. O manifesto é grudado com uma cola especial de grande aderência nos pára-brisas dos carros estacionados nas ruas. “Preciso de sua ajuda”, diz Hermenegildo. Os dois caminham até a rua Almirante Barroso, entram à direita, seguindo até a avenida Presidente Antônio Carlos. Augusto leva a lata de cola.(CR, p.600).

Sabemos que não é por acaso que Augusto ajuda Hermenegildo, existe uma causa pela qual ele nutre simpatia, provavelmente, ele se identifica com o projeto de Hermenegildo que representa a não aceitação do progresso que se instaura na sociedade. Para Lukács, o escritor cumpre o seu papel quando seus personagens são capazes de suscitar um pensamento crítico sobre a realidade. É função da literatura pensar o homem e a sua realidade no contexto social em que vive:

Já é hora de que nossa literatura se volte, com completa coragem e energia, para os “despertos”; que represente seu mundo “único e comum” na experiência da comunidade e pessoalmente vivida, no sentido e no pensamento; que acorde definitivamente do sono da época para “seu próprio” mundo, para sua própria interioridade restrita, limitada e mesquinha.¹

Augusto que é Epifânio representa a preocupação do artista em identificar e denunciar os problemas existentes na sociedade. Sua mudança de nome representa sua mudança de vida, porém, não sua mudança de idéias, pois seu ideal já fazia parte de sua vida antes do prêmio que recebe, mas só é concretizado quando ele deixa a condição de operário para a de escritor autônomo. Esta transformação na vida de Epifânio só vem ratificar que o desejo de fazer o que quer e como quer não está ao alcance de todos. O homem é controlado pela máquina industrial que determina sua vida e seus valores que são instituídos desde o momento em que ele se vê em sociedade, seja um clube, a igreja e a própria família. Augusto é totalmente avesso a esse mecanismo que reduz a capacidade de pensar do homem. Ele era funcionário da rede de água e esgoto, mas aspirava ao ofício de escritor. Trabalhando, não tinha condição de escrever, mesmo que seu amigo João insistisse em dizer que o escritor não deveria viver da literatura:

(...) Mas João, um amigo que havia publicado um livro de poesia e outro de contos e estava escrevendo um romance de seiscentas páginas, lhe disse que o verdadeiro escritor não devia viver do que escrevia, era obscuro, não se podia servir à arte e a Mammon ao mesmo tempo, portanto era melhor que Epifânio ganhasse o pão de cada dia na companhia de água e esgotos, e escrevesse à noite. (CR, p. 593)

A descrição feita por João foi e é a realidade de muitos artistas e escritores da literatura brasileira e também estrangeira. Na citação do conto, podemos identificar grande ironia na fala conformista de João, escritor excluído do mecanismo da indústria cultural. Ele morre vítima da solidão e do descaso como já prenunciara:

João dizia que havia um ônus a pagar pelo ideal artístico, pobreza, embriaguez, loucura, escárnio dos tolos, agressão dos invejosos, incompreensão dos amigos, solidão, fracasso. E provou que tinha razão morrendo de uma doença causada pelo cansaço e pela tristeza, antes de acabar seu romance de seiscentas páginas. Que a viúva jogou no lixo, junto com outros papéis velhos (CR, pp.593-594).

Mesmo diante do fracasso do amigo, Augusto não desanima e pode finalmente realizar seu desejo quando ganha em uma das loterias da cidade. Deixa a companhia que o sufoca e não o permite escrever e passa a ser andarilho e professor das prostitutas, se

¹ LUKÁCS, George. **Ensaio sobre Literatura**. Coordenação e prefácio: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

preocupando com o linguajar que é imposto pelo consumo de massa. “A televisão e a música pop tinham corrompido o vocabulário dos cidadãos, das prostitutas principalmente. É um problema que tem que ser resolvido”. (CR, p.600). É verdade que escreve; mas ele é mais andarilho que escritor. Augusto conhece as ruas pelo nome e também os miseráveis como Hermenegildo, Benevides, Zumbi do Jogo da Bola...

Augusto conhece Kelly, ela é a vigésima oitava prostituta que Augusto ensina a ler em quinze dias e também a vigésima oitava que insiste em contar sua história de vida que para ele é mais uma repetição por já ter ouvido vinte e sete prostitutas. O conto fala de hipocrisia, de extrema desigualdade social e de convicção acerca do papel social do escritor que reflete as disparidades sociais. Essas disparidades sociais são constatadas nas religiões responsáveis por manter firme a fé dos fiéis, como por exemplo, a igreja pentecostal de “Jesus Salvador das Almas” conduzida pelo pastor Raimundo que segundo o bispo tem que aumentar a contribuição que pode ser em dinheiro ou em jóias, o importante é que manifestem sua adesão já que “Jesus precisa de dinheiro”; até os banqueiros que permitem que os mendigos se apropriem dos muros do banco para instalarem sua casa de papelão. Por acaso, Augusto entra na igreja evangélica “Jesus Salvador das Almas” que funciona das oito às onze diariamente no mesmo local que apresenta filme pornô, e se sente atraído pelo canto e coreografia apresentados:

(...)Quando cantam Vai embora, Satanás, Jesus te passou para trás, as mulheres levantam os braços jogando as mãos para trás sobre as cabeças, como se estivessem empurrando o demônio para longe; os leões de chácara de camisa de manga curta fazem o mesmo; o pastor Raimundo, porém, segurando o microfone, comanda o coro levantando apenas um braço (CR, p.594).

Quando Augusto não manifesta nenhuma adesão à fé, passa a ser motivo de grande incômodo para o pastor Raimundo que precisa de fiéis para aumentar seu prestígio junto ao bispo e conquistar espaço na zona Sul da cidade. A podridão das religiões não fede menos que a dos mendigos. A diferença é que as religiões querem extorquir as pessoas idosas e doentes que buscam alento para suas dores, enquanto os mendigos fedem porque querem que os vejam.

(...) Queremos ser vistos, queremos que olhem a nossa feiúra, nossa sujeira, que sintam o nosso bodum em toda parte; que nos observem fazendo nossa comida, dormindo, fodendo, cagando nos lugares bonitos onde os bacanas passeiam ou moram. Dei ordem para os homens não fazerem a barba, para os homens e mulheres e crianças não tomarem banho nos chafarizes, nos chafarizes a gente mija e caga, temos que feder e enojar como um monte de lixo no meio da rua (CR, p.623).

A diferença de classe é extraída de forma cruel para os olhos do leitor desavisado que nunca enxergou em sua caminhada, mendigos dormindo em caixa de papelão em frente ao “Banco Mercantil” à noite, finais de semana e feriados, quando o banco fecha. Percebemos que existem também posicionamentos políticos, discussões e tentativas de organização entre os grupos desfavorecidos pelo sistema social, mas que a possibilidade de

negociação é quebrada pelo conformismo e a alienação. É o que identificamos na fala de Zumbi do Jogo da Bola. Depois de ter discutido com Benevides ele se autodescreve para Augusto:

(...) Olha aqui, ô distinto, primeiro meu nome não é Zé Galinha, é Zumbi do Jogo da Bola, entendeu? E depois eu não sou presidente de porra nenhuma de União dos Mendigos, isso é sacanagem da oposição, a UDD. Nós não pedimos esmolas, não queremos esmolas, exigimos o que tiraram da gente. Não nos escondemos debaixo das pontes e dos viadutos ou dentro de caixas de papelão como esse puto do Benevides, nem vendemos chiclete e limão nos cruzamentos. (CR, p.623).

As diferenças sociais são representadas por personagens diversas, cada uma com suas peculiaridades e histórias de vida para contar e lamentar. Este é o caso de João, Kelly e tantos outros que conhecemos pelo nome ou não e até mesmo, o próprio Augusto que busca conhecer estas situações para juntar à sua experiência de vida e a partir daí, escrever seu livro “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”. Ao adentrarmos em seu objeto de estudo percebemos que sua arte, na verdade, está em apresentar a realidade e dar voz aos seus personagens que são também personagens da vida real. Em toda obra literária é muito importante a posição do escritor diante da realidade que deve estar presente junto ao fazer estético. É imprescindível para a produção de uma obra literária de qualidade a fisionomia intelectual dos personagens artísticos.

O personagem artístico só pode ser típico e significativo quando o autor consegue revelar as múltiplas conexões que relacionam os traços individuais de seus heróis aos problemas de seu tempo, mesmo os mais abstratos, como individualmente seus, que têm para ele uma importância vital.²

Augusto, como escritor faz emergir situações-problemas do seu tempo, e como personagem tem discernimento da realidade vivendo os problemas “como realmente seus”. Isso fica evidente em sua atuação durante toda a narrativa. O narrador resume essa reflexão sobre a sociedade que Augusto representa no último parágrafo do conto:

Espera o dia raiar, em pé na beira do cais. As águas do mar fedem. A maré sobe e baixa de encontro ao paredão do cais, causando um som que parece um suspiro, um gemido. É domingo, o dia surge cinzento; aos domingos a maioria dos restaurantes do centro não abre; como todo domingo, será um dia ruim para os miseráveis que vivem dos restos de comida jogados fora. (CR,627)

As águas do mar que fedem e causam um som que parece um suspiro e um gemido, se coaduna perfeitamente com a vida dos miseráveis que suspiram, que gemem de fome e

² Lukács, Op. Cit., p.171

nesse dia não vão comer os restos de comida dos restaurantes. É domingo e a preocupação de Augusto com os marginalizados é suficiente para que ele constate que o dia está cinzento, ao que poderíamos acrescentar sem vida e sem sentido.

A realidade encontrada no conto é representada pela falta de dentes, de comida, de habitação, de dignidade, enfim, de cidadania.

A fisionomia intelectual das personagens artísticas abrange sua leitura de mundo e sua experiência de vida, o que não implica necessariamente às personagens posicionamento que não sejam passíveis de crítica, elas travam contato com a realidade, mesmo quando possuem idéias alienantes, como é o caso de Benevides do conto analisado, ele diz estar bem, vivendo com a família numa caixa de papelão, que chama de casa, afastando com sua simples presença os bandidos que poderiam roubar o banco Mercantil e não sendo incomodado por desordeiros que andam queimando os mendigos:

Não quero sair daqui, murmura ameaçadoramente, “moro ao lado de um banco, tem segurança, nenhum maluco vai tocar fogo na gente como fizeram com o barraco do Mailson, atrás do museu do aterro. E eu estou aqui há dois anos, o que significa que ninguém vai mexer com a nossa casa, faz parte do ambiente, entendeu?” (CR,614)

Em seu encontro com Zumbi do Jogo da Bola, Augusto pergunta se ele sabe ler e Zumbi responde que “se não soubesse ler estava morando feliz dentro de uma caixa de papelão apanhando restos” (CR, 624). Se compararmos Benevides a Zumbi do Jogo da Bola, logo perceberemos que o primeiro é alienado e se contenta com pouco sem maiores questionamentos – tudo está bom e não precisa mudar, não há perspectivas nem interesse de buscar outro lugar e outra situação, é o que se revela em sua fala conformista “Não quero sair daqui”. Já para Zumbi do Jogo da Bola alguém é responsável por sua vida miserável: a sociedade. Ela tem que perceber o estrago que causa na vida das pessoas que marginaliza e que uma vez que têm o seu direito de gente negado só resta feder para mostrarem que existem e agredir por já serem agredidos diariamente pelo sistema. Ele ainda faz referência à sua consciência como produto da leitura “se eu não soubesse ler...”, o que ratifica seu conhecimento da importância de estar preparado para questionar a realidade. As personagens apresentadas por Augusto são vítimas do sistema dominante e nem todas têm discernimento da alienação que as envolve. Elas defendem seu ponto de vista que raramente vai além do discurso prático do “Eu” e do “Hoje” como Hermenegildo que empreita um manifesto ecológico, Zumbi do Jogo da Bola que tem consciência da podridão da sociedade, o velho que enxerga os efeitos prejudiciais do progresso e Augusto que tem bem delimitada sua postura na escolha das personagens, nas ações quando se envolve com as pessoas e com a natureza. As outras personagens não vão além de seus próprios interesses, suas idéias e atitudes são individualizadas. Porém, identificamos a qualidade artística da obra e podemos ratificar o seu compromisso com a representação da realidade porque até mesmo quando as personagens demonstram desconhecimento da situação em que se encontram, o leitor é forçado a pensar sua falta de compromisso com a verdade dos acontecimentos. O escritor Rubem Fonseca não negligencia a problemática social, pois, sua personagem Augusto-Epifânio não é conivente com o gritante descaso que sofre a maioria da população sem nome e sem dentes. Assim, Rubem Fonseca corresponde à descrição feita por Lukács em torno da capacidade de representar a realidade, a sua

personagem protagonista, Augusto é o que podemos chamar de incomum, não é uma personagem encontrada no dia-a-dia:

A capacidade, própria dos grandes escritores, de criar personagens e situações típicos, portanto, vai muito além da observação – ainda que exata – da realidade cotidiana. O profundo conhecimento da vida jamais se limita à observação da realidade cotidiana, mas consiste, pelo contrário, na capacidade de captar os elementos essenciais, bem como de inventar, sobre o seu fundamento, personagens e situações que sejam absolutamente impossíveis na vida cotidiana, mas que estejam em condições de revelar, à luz da suprema dialética das contradições, as tendências e forças operantes, cuja ação é dificilmente perceptível na penumbra da vida de todos os dias.³

Augusto é impar no meio do povo sem habitação, sem identidade, sem projeto de vida e sem dentes. Sua caminhada é marcada por relatórios que não interessa a uma sociedade que chega ao poder em detrimento da miséria da maioria da população. Através do escritor andarilho, prostitutas, mendigos, gigôlos, artistas fracassados e pessoas sem esperança conseguem um espaço para falar. Isso faz de Augusto um artista singular.

REFERÊNCIAS

- FONSECA, Rubem. **Contos Reunidos**. Org. Bóris Schnaiderman. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- LUKÁCS, George. **Ensaio sobre literatura**. Coordenação e prefácio: Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

³ Lukács, op. cit., p. 175.